

Centro Universitário do Rio Grande do Norte
Liga de Ensino do Rio Grande do Norte
Curso de Psicologia
Trabalho de Conclusão de Curso
Orientadora: Dr^a Karina Carvalho Veras
Co-orientadora: Ms. Narjara Macêdo

GABRIELA SOUTO MAIOR JATOBÁ
MARIA VITÓRIA ALVES CABRAL

**“ESQUECE POR MOMENTOS DE QUE SÃO TEUS FILHOS, E DEPOIS CHORA,
POIS LHES QUERES TANTO BEM” : REFLEXÕES SOBRE A DUALIDADE
MATERNA AMOR-ÓDIO**

NATAL/RN
2024

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso, aborda a tragédia grega Medeia, de Eurípedes (431 a.C.), como ponto de partida para explorar a complexidade da edificação da maternidade, com foco na dualidade amor-ódio. Baseando-se na teoria Winnicottiana, o trabalho analisa como a maternidade oscila entre o amor profundo e ressentimento pela perda de autonomia. A pesquisa, qualitativa e bibliográfica, utilizou 16 materiais, incluindo as obras de Donald Winnicott. Foram analisados três eixos principais: “As de outrora”, que relaciona a tragédia grega com questões da psique materna; “A mãe dedicada comum?”, que discute a adaptação e construção do materno, e as “Medeias no hoje”, ampliando o olhar para a identidade feminina sob uma perspectiva social. Os estudos preliminares sugerem que a obra Medeia, como uma representação da arte ligada ao seu tempo, reflete o julgamento extremo da maternidade, caracterizando mulheres como heroínas ou vilãs, sem espaço para coexistência dessas dimensões.

Palavras-chave: Maternidade. Amor-ódio. Winnicott. Medeia.

I. INTRODUÇÃO

O caráter da tragédia grega está intrinsecamente relacionado à quantidade de conteúdos reprimidos e emoções despertadas no espectador. Esse gênero literário abre espaço para a exploração da complexa psique humana, abalando aspectos íntimos, conflituosos e definidores de nossa condição, conforme observado por Freud (1916/2006a). Na obra *Medeia*, de Eurípides, escrita em 431 a.C., as relações humanas são exploradas em torno da dinâmica do maternar e da posição subjetiva da mulher em seus aspectos de coexistência. A singularidade da posição infanticida de *Medeia* é representada pelo paradoxo entre o amor e o ódio, descrevendo um “amor impiedoso” no qual a mãe odeia o filho desde o início.

Sob uma ótica psicanalítica, a análise dessas significações é permeada por diversos atravessamentos sociais, que englobam impactos psicológicos individuais e coletivos sobre o papel feminino e sua construção (SOUZA, 2023). Nesse contexto, a literatura sobre o tema é ampla, mas revela a necessidade de maior cooperação para aprofundar os estudos acerca do lugar materno ocupado pela mulher. A tragédia grega, tal como casos reais, demonstra como o amor pode se transformar em ódio sob intensa pressão psicológica, emocional e social, levando a comportamentos que, à primeira vista, parecem incompreensíveis, mas que, na verdade, refletem um profundo sofrimento.

No livro *Mães que Fazem Mal* (2018), a psicanalista Silvia Lobo examina a figura materna para além de sua contribuição ao desenvolvimento do filho, concentrando-se na mãe como sujeito, seus conflitos internos e a construção de seu papel. Winnicott (1947/2021a) aborda a oscilação emocional na maternidade, evidenciando que a mãe pode amar profundamente seu filho, mas também sentir ressentimento diante das constantes demandas e da perda de autonomia. Ele destaca que a verdadeira virtude da maternidade está na capacidade de suportar o ódio sentido pelo bebê sem agir prejudicialmente, mantendo a esperança de recompensas futuras que podem nunca se concretizar.

Na peça *Medeia* (431 a.C), a protagonista declara: “Não quero, demorando, oferecer meus filhos aos golpes mortíferos de mãos ainda mais hostis. De qualquer modo, eles devem morrer e, se é inevitável, eu mesma, que os dei à luz, os matarei”. Essa fala remete às ambivalências (AZEVEDO, 2017) nas ações da

personagem, a qual, simultaneamente a um discurso violento, expressa cuidado, ponderação e até misericórdia acerca do futuro de seus filhos.

A perspicácia da obra de Eurípides refaz o percurso das questões sociais relacionadas ao feminino, provando como é fácil vilanizar os atos de Medeia e considerá-los incompatíveis com o papel de mãe. Tal panorama reflete o que Iaconelli (2020) denomina uma aprendizagem subliminar presente em nossa cultura desde a infância, que pressupõe a existência de uma “mãe natural”. Assim, as linhas de subjetivação que permeiam a dualidade do papel feminino reconhecem os dispositivos sociais que moldam a qualificação da maternidade e a definição de uma “mãe suficientemente boa”.

Bollas (1987/2015a) destaca a existência de um tipo de ódio que não se orienta para a destruição, mas sim para a preservação. Em sua visão, pouco se tem valorizado esse aspecto positivo do ódio, uma vez que a tendência é associá-lo exclusivamente à destruição. No entanto, pode-se estender para a compreensão desse sentimento como uma forma de atuação, mantendo vivo o objeto odiado, funcionando como um laço apaixonado que preserva a conexão (BONFIM, 2014). O autor categoriza, ainda, a denominação de “ódio amoroso”, representado como uma defesa contra o vazio objetual, contribuindo, paradoxalmente, para a manutenção da vida.

Isto posto, a teoria Winnicottiana postula a agressividade como um fenômeno primário, manifestando-se na motilidade inicial do bebê. Em seus primórdios, a agressividade está intrinsecamente conectada a um amor primitivo, de caráter imperativo e desmedido. Estando ligada, por conseguinte, a dependência integral do bebê perante o ambiente, quando não possui capacidade de responsabilizar-se pelos seus atos, embora esses possam parecer destrutivos para a mãe, o bebê não age com intencionalidade, por carecer de integração suficiente para elaborar uma intenção consciente. Adicionalmente, Winnicott (1950/2021a) enfatiza que o ódio, enquanto fenômeno relativamente sofisticado, não pode ser considerado existente nesses estágios iniciais da vida. Consequentemente, a diferença entre o ódio violento que orienta à destruição, não pode ser considerado na relação paradoxal entre uma mãe e seu bebê.

O ódio materno, surge, como algo não destrutivo, e vital para a experiência humana e materna, que desempenha um papel em fundamentar os vínculos e enfrentamento do vazio emocional, pois, o sentimento representa uma dimensão complexa e paradoxal do próprio fenômeno da maternidade e suas condições, os quais são permeadas além de aspectos biológicos, mas de imposições culturais (PEREIRA; JUNIOR, 2019).

Torna-se indubitável a importância de pesquisas voltadas à ampliação do conhecimento sobre a maternidade, suas percepções sociais e os caminhos de subjetivação. Compreender a dualidade do materno e o encontro da mulher consigo mesma nesse papel é essencial para interpretar tanto os vieses psicanalíticos presentes na tragédia grega quanto as adversidades e nuances contemporâneas. Por isso, a pesquisa norteia-se pela seguinte questão: como amor e ódio podem coexistir na experiência da maternagem?

Este estudo aspira caracterizar, à luz da psicanálise, de que maneira o amor e o ódio convivem na maternidade, explorando as implicações emocionais e psicológicas dessa contradição. Para isso, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa voltada à compreensão da construção do materno e à discussão acerca da ambiguidade amor-ódio, bem como das convergências teóricas que embasam esse fenômeno.

A investigação foi conduzida por meio de levantamento bibliográfico em bases de dados como Google Acadêmico, SciELO e PePsic, complementado pela leitura de obras de referência, incluindo *Mães que Fazem Mal (2018)*, *A Maternidade e o Encontro com a Própria Sombra (2016)*, *Mães Arrepentidas — Uma Outra Visão da Maternidade (2017)*, *Medeia (2021)*, *Da Pediatria à Psicanálise (2021)*, *Mal-estar na Maternidade — Do Infanticídio à Função Materna (2020)*, *Um amor conquistado — O Mito do amor materno (1985)*, *O bebê e suas mães (2022)* e *A Característica Psicológica da Tragédia Grega (2023)*. Ademais, foram analisados doze artigos científicos em língua portuguesa, publicados entre 1916 e 2023, sobre temas como literatura e maternidade, amor e ódio na perspectiva Winnicottiana e o papel social feminino.

Ao todo, foram identificados 23 materiais relevantes ao tema, dos quais quatro foram excluídos para otimizar a organização e delimitação dos pontos de

maior pertinência. Assim, 19 materiais foram selecionados para análise detalhada. Os temas mais prevalentes nos manuscritos foram agrupados em três eixos principais: (1) As “Medeias” de outrora, (2) A mãe dedicada comum?, e (3) “Medeias” no hoje. Esses eixos serviram de base para a utilização de instrumentos de análise que permitiram aprofundar a compreensão do antagonismo amor-ódio na maternagem e suas relações com as dinâmicas emocionais e sociais que envolvem o papel materno.

II. DESENVOLVIMENTO

A maternagem, enquanto vivência complexa e multifacetada, corresponde a um campo rico para investigações que busquem compreender seus mecanismos emocionais, sociais e culturais. Dentre os diversos recortes possíveis, a literatura clássica oferece exemplos emblemáticos que, aliados às reflexões contemporâneas, possibilitam uma análise aprofundada sobre a maternidade e seus significados. Dessa forma, os eixos abaixo descritos fornecem as bases para uma investigação mais detalhada sobre as relações entre a maternidade, as interações emocionais e os aspectos sociais que a atravessam.

As “Medeias” de outrora

A figura mitológica de Medeia inspirou Eurípedes para a construção de mais uma de suas tragédias. Na obra, Medeia, tomada por sua paixão por Jasão, opõe-se a seu pai, rei da Cólquida, ajudando Jasão a conquistar o velocino de ouro e, no processo de fuga com seu amado, esquarteja seu irmão. Os dois fogem para a cidade de Corinto e formam uma família, tendo dois filhos. Entretanto, após anos de relacionamento, Jasão a substitui por Glauce, filha do rei de Corinto, com isso, Medeia sofre com o abandono e preocupação acerca de seu futuro e de seus filhos, pois os três foram expulsos da cidade. Em reação, planeja e executa sua vingança, na qual mata o rei de Corinto, Glauce e, ao final, seus filhos, no intuito de tornar eterno o sofrimento de Jasão, mesmo que isso significasse seu próprio penar. A peça chega a seu clímax com Medeia fugindo e Jasão devastado.

O mito torna personagens literários eternos, oferecendo um portal de análise do cotidiano através da animação de personagens (COSTA; PURIFICAÇÃO; TEIXEIRA, 2017). Eurípedes, por meio de sua escrita, reproduziu os modos de pensar e agir da sociedade ateniense, Medeia, mediante suas atitudes, divergiu do que se esperava, sendo esse fato demonstrado em diversos trechos da tragédia, como no lamento de Jasão: “Jamais houve uma grega capaz de um crime destes, e eu preferi em vez de outra. Para desespero meu fui aliar-me a uma inimiga, uma leoa e não uma mulher, ser muito mais feroz que os monstros mais selvagens.”

É preciso esclarecer que, fugindo de anacronismos, reflexões acerca da personagem não pretendem afirmar que foi essa a intenção inicial do autor.

Conjuntamente, ao mesmo tempo em que Medeia representa vilania ao cometer seus atos violentos, ela também simboliza uma mulher que se autogoverna, reativa diante de seu sofrimento, livre da submissão (COSTA; PURIFICAÇÃO; TEIXEIRA, 2017).

Em paralelo, observando outras sociedades ocidentais, o percurso temporal evidencia que a maternidade e a maternagem sempre foram alvos de mutações e releituras socioculturais. Vale realçar que a maternidade faz referência à relação biológica entre mãe e filho, em contraste, a maternagem é o laço de acolhimento e intermédio entre o bebê e o ambiente fornecido por uma mãe disponível psiquicamente, devotada (WINNICOTT, 1998/2022a).

No medievo, a maternagem não era desempenhada pela mãe, a atividade era direcionada a terceiros, menos abastados, e os bebês dessas famílias nobres eram amamentados por amas-de-leite. Nesse sentido, era uma função desvalorizada socialmente e crianças tinham pouca relevância (GRADVOHL; OSIS; MAKUCH, 2014). Com a ascensão da burguesia, a prole passa a ser responsabilidade dos pais e, inscrevendo-a em um modelo produtivo, a mulher fica restrita ao ambiente doméstico e a criação de seus filhos que serão “o futuro da nação”, atribuindo, desse jeito, uma supervalorização à maternagem. Em contraponto, o pai é responsabilizado como provedor financeiro do núcleo familiar, ressaltando, com isso, as disparidades entre os papéis de gênero (GRADVOHL; OSIS; MAKUCH, 2014). Não coincidentemente, nesta mesma conjuntura histórica, surge o “o mito do amor materno”, como esclarece Badinter (1985, p.145):

Elas impõem, a mulher a obrigação de ser mãe antes de tudo, e engendram o mito que continuará bem vivo duzentos anos mais tarde: o do instinto materno, ou do amor espontâneo de toda mãe pelo filho... a exaltação do amor materno como um valor ao mesmo tempo, social, favorável à espécie e à sociedade. Alguns, mais cínicos, verão nele, a longo prazo, um valor mercantil.

As Medeias passaram, então, a ocupar o cargo de mães corujas, devendo exercer sua função na mais profunda gratidão e felicidade diante da grandeza de sua tarefa, dando prioridade a esta mesmo diante de outras aspirações pessoais. Sob esse ângulo, essa construção social, naturalizada, contribuiu para o aumento do sentimento de culpa diante das oscilações de sentimentos presentes na maternagem.

A mãe dedicada comum?

Winnicott (1960/2021a) relata as nuances do “delicado” cuidar materno com o exemplo, do bebê em seu início, onde se permeia um cuidado profundo e de grande conexão com a mãe, e enquanto a ligação é mantida, quanto mais esse ser materno entende as necessidades do bebê, melhor o cuidado será. No entanto, uma mudança ocorre com o fim da conexão, e essa transição não precisa — e não será gradual, quando mãe e filho se separam, a atitude da mãe muda, do ponto de vista do bebê.

Neste estágio, a mãe percebe que o bebê não precisa mais que ela esteja constantemente disponível para entender seus desejos. Podemos discorrer desse período inicial entre o maternal e dessa relação intrínseca entre mulher/mãe e bebê, a transição essencial nos conceitos de D. Winnicott, onde a mãe está exercendo um papel que ele nomeou inicialmente de “mãe dedicada comum”, e frisou posteriormente o termo de “mãe suficiente boa” que seria uma figura que, como citado anteriormente, responde com sensibilidade e delicadeza às necessidades do bebê, proporcionando um ambiente de segurança e acolhimento.

Para o autor, uma “mãe suficientemente boa” reconhece as fases de crescimento do bebê, e ajusta seu comportamento, para que ele possa experimentar a individualidade e a separação dela, ele ainda, argumenta que se a mãe fosse “perfeita”, isso impediria o desenvolvimento da autonomia e da capacidade de lidar com frustrações. Porém, vale salientar que existem incertezas no que diz respeito ao que se pode separar e definir o que, realmente, é uma mãe dedicada e suficientemente boa, e quais aspectos ela tem que assumir, não apenas na visão de autores, mas socialmente.

No entrelaçar de sua obra, Winnicott (1947/2021a) reconhece que é natural que a mãe experimente sentimentos de frustração e até de ódio em relação ao filho, especialmente quando ele a exaure emocional ou fisicamente. Em oposição a isso, para que o bebê se desenvolva saudavelmente, é essencial que a mãe consiga suportar esses sentimentos sem os expressar diretamente, destrutivamente. Ou seja, ela precisa lidar com seu ódio, sem descontar no bebê ou agir de maneira vingativa. Ele cita em um dos trechos de suas obras:

A mãe, no entanto, odeia seu bebê desde o início. Acredito que Freud achava possível que a mãe, em determinadas circunstâncias, sentisse apenas amor por seu

bebê do sexo masculino — mas isso é questionável. Conhecemos o amor da mãe e o admiramos por ser tão real e poderoso. (WINNICOTT, 1947. p. 348)

Destarte, cabe a mãe conseguir lidar com seus sentimentos de ódio assertivamente, para não se reprimir ou internalizar essas emoções, que levam a uma postura masoquista, aceitando as agressões do bebê sem reconhecer seus próprios sentimentos. Isso, segundo Winnicott, poderia levar à ideia equivocada de que o masoquismo é natural nas mães, quando, na verdade, é uma resposta disfuncional a essa incapacidade de lidar com o ódio adequadamente.

Essa situação pode ser comparada com um cenário considerado desfavorável, todavia, relativamente comum: recém-nascidos mantidos em berçários separados das mães na maternidade, onde podemos perceber que o vínculo está condicionado a experiência do parto e aos encontros basilares entre mãe e filho (GUTMAN, 2016). Essa conjunção pode ser analisada como um ambiente que potencialmente prejudica o desenvolvimento emocional do bebê, e a adaptação gradual da mãe ao papel materno. Winnicott (1948/2021a), relata que se esse início é ruim, a continuação será ainda mais difícil, intensificando os sentimentos contraditórios da maternagem. O contato inicial entre mãe e bebê, interrompe o processo natural de adaptação mútua, comprometendo a construção do vínculo necessário.

A mãe, já vulnerável emocional e fisicamente, é colocada, desde o início, em posições de alta pressão e baixo suporte, forçada a amamentar e exercer o materno em condições que não respeitam tempo, individualidade ou emoções, forçando os sentimentos de frustrações, inconscientemente, para o bebê, visto como a fonte da sobrecarga emocional. Winnicott, argumenta que a mãe precisa de suporte emocional para tolerar essas emoções confusas, concomitantemente sentindo culpa e vergonha por não corresponder a idealização da mãe perfeita. À luz dessa premissa, em seus escritos, Winnicott cita sobre a motivação do ódio da mãe para com o bebê:

Permitam-me apresentar certos motivos pelos quais a mãe odeia seu bebê, mesmo que seja um menino: O bebê não é uma concepção (mental) da mãe. (...) O bebê perturba a vida privada da mãe, constitui um desafio à sua preocupação. Mais ou menos intensamente, a mãe sente que o bebê é algo que sua própria mãe deseja, e ela o produz para aplacá-la. O bebê machuca os mamilos dela mesmo quando

suga, o que inicialmente implica mastigação. Ele é impiedoso, trata-a como lixo, uma serva sem pagamento, uma escrava. (WINNICOTT, 1947/2021a. p. 350)

A maternidade é uma experiência profundamente ambivalente, marcada por sentimentos contraditórios de amor-ódio que coabitam o ser e desempenham um papel central no vínculo mãe-bebê. Diante do exposto, a repressão e negação desses processos de “ódio” materno, é incentivado por narrativas idiossincráticas, que idealizam a maternidade, e consentem que essas mulheres não consigam experimentar a culpa, que faz parte do processo universal, a qual permite a autopercepção da mãe enquanto humana, capaz de falhas, mas ainda suficientemente boa para promover o desenvolvimento emocional de seus filhos.

“Medeias” no hoje

Rossi, Santos e Brescansin (2018) relatam sobre como a sociedade contemporânea sofreu diversas mudanças embasadas no discurso da psicanálise, que levou a novas interações nas perspectivas individuais do homem e da mulher no que diz respeito à constituição familiar. A maternagem, enquanto prática de cuidado e atenção ao desenvolvimento de um indivíduo, transcende a figura biológica da mãe, espelhando-se como um papel social que pode ser exercido por outras figuras de cuidado. Com as transformações dos funcionamentos familiares e sociais, novas configurações emergem, rompendo com a visão tradicional de que a maternagem é exclusiva da genitora.

Nesse prisma, o maternar se apresenta como uma construção cultural e relacional, a qual supera fronteiras biológicas e encontra suporte em arranjos sociais diversos, em vista disso, assumindo concepções pluralizadas, compreendendo as questões de gênero como sempre relacionais (MACEDO, 2023). Essas diferentes figuras do cuidar desafiam paradigmas tradicionais e abrem espaço para uma compreensão mais inclusiva do ato, reconhecendo que a função materna não se limita ao sexo ou à condição biológica, mas à disposição de prover cuidado, proteção e afeto.

Paralelamente, a dualidade feminina entre o papel de mãe e mulher revela um campo complexo de tensões e negociações identitárias. A sociedade, historicamente, atribuiu à mulher o papel de provedora emocional e cuidadora

principal, frequentemente em detrimento de sua própria autonomia e realização pessoal. Donath (2017) em seu livro, *Mães arrependidas: Um outra visão da maternidade*, reflete sobre como o corpo feminino é julgado pela capacidade de conceber ou não, uma vez que, socialmente a capacidade da mulher de dar à luz é considerada, no que lhe compete, a essência de sua vida e a justificativa de existir. Ser mãe, nessa concepção, é considerado um imperativo social que muitas vezes entra em conflito com outros aspectos da identidade feminina, como a busca por desenvolvimento profissional, a vivência da sexualidade e a afirmação de projetos individuais. Winnicott (1966/2021a) em seus relatos, exemplifica:

De maneira similar, as mulheres não ficam o tempo todo para lá e para cá pensando que deveriam estar cuidando de um bebê. Elas jogam golfe, têm um trabalho no qual ficam totalmente absortas, fazem, com muita naturalidade (...). Um dia, porém, as mulheres descobrem que se tornaram anfitriãs de um novo ser humano que decidiu se instalar dentro delas, (...) elas passam por uma fase em que expressam sua individualidade por meio da identificação com algo que, com sorte, se tornará um bebê, e que se tornará autônomo e morderá a mão que o alimentou. (WINNICOTT, 1966/2021a)

A idealização da figura materna como altruísta e devotada pode gerar sentimentos de culpa e inadequação, especialmente quando a mulher visa conciliar as demandas do cuidado com a afirmação de sua própria subjetividade. Esse momento, embora desafiador, é também essencial para a expressão da individualidade enquanto sujeito, por meio da identificação com o bebê, que, por sua vez, se tornará autônomo e, simbolicamente, “morderá a mão que o alimentou” (Winnicott, 1966/2021a). Tal processo reflete a complexidade da relação entre mãe e filho, marcada pela oposição entre dependência e autonomia.

Logo, compreender que a maternagem é dotada de múltiplas configurações e reconhecer a dualidade feminina entre os papéis de mãe e mulher são passos essenciais para a promoção de uma visão mais equânime e inclusiva das experiências. A maternidade não deve ser vista como uma imposição, mas como uma escolha e uma função que pode ser compartilhada, ressignificada e vivenciada pluralmente.

III. CONCLUSÃO

O objetivo do presente artigo foi compreender como os sentimentos antagônicos, amor e ódio, coexistem na experiência do materno. Diante do exposto, entende-se que tais vivências são inerentes a esse papel de cuidado. O ódio, por sua vez, deve ser reconhecido, e não reprimido ou internalizado, pois sua negação pode levar a mãe a uma postura masoquista, fonte de sofrimento.

Ao entrar em contato com a obra de Eurípedes, é perceptível a procura por uma generalização para os personagens da trama. Seria, Medeia, vilã? Ou uma heroína injustiçada que reagiu? Estava, ela, protegendo os filhos de “mãos hostis”? Torna-se evidente, portanto, que nenhuma dessas definições, por muitas vezes opostas, abarcam, sozinhas, a complexidade do que seria essa personagem. Nesse cenário, o único enquadramento possível para Medeia é o de mãe, sendo esta, imperfeita, cercada de paradoxos e sentimentos oscilantes, como no trecho que intitula este estudo: “Esquece por momentos se que são teus filhos, e depois chora, pois lhes queres tanto bem” (EURÍPEDES, 431 a.C., p.98).

Associadamente, o mesmo ímpeto de julgamento é aplicado às mães fora do contexto ficcional, desse modo, há uma construção social que não reconhece essa incoerência como algo próprio ao materno, como destaca Albertuni (2018) em seus estudos sobre mulheres, bem como seu novo papel de autonomia frente às escolhas que antes eram determinadas por padrões sociais, entre eles, a maternidade.

Destaca-se, dessarte, a urgência de mais produções acadêmicas acerca das implicações psíquicas acarretadas pelo estigma social que gira em torno do reconhecimento do amor-ódio, sendo esse, vivência legítima do papel do cuidar materno. Nesse encadeamento, proporcionando espaço para uma ciência que visa produzir em prol de um bem coletivo, apropriando-se de sua responsabilidade social enquanto produtora de saberes.

IV. REFERÊNCIAS

1. ALBERTUNI, P. S.; STENGEL, M. Maternidade e novos modos de vida para a mulher contemporânea. *Psicologia em Revista*, v. 22, n. 3, p. 709-728, 2016.
2. AZEVEDO, R. A. D. “Amo meu filho, mas odeio ser mãe”: reflexões sobre a ambivalência na maternidade contemporânea. 2017.
3. BADINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. In: Um amor conquistado: o mito do amor materno. 1985. p. 370.
4. BOLLAS, C. (2015). O ódio amoroso. In C. Bollas, *A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não pensado* (pp. 149–165). São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1987)
5. BONFIM, F. G. Amor — Ódio: devastação na relação mãe e filha. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 26, n. 1, p. 245–252, jan. 2014.
6. COSTA, E. N. N.; PURIFICAÇÃO, M. M.; TEIXEIRA, F. R. Ensino de Filosofia e o lugar social da mulher no mito de Medeia. *Revista Educação, Psicologia e Interfaces*, v. 1, n. 1, p. 6-14, 2017.
7. DONATH, Orna. *Mães arrependidas*. São Paulo: Editora BestSeller, 2017.
8. EURÍPIDES. *Medeia*. Tradução de Mário da Gama Kury. 2. ed. São Paulo: Zahar, 2021.
9. FREUD, S. (2006g). Premissas e técnica de interpretação. Em S. Freud. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XV, pp. 105-116). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1916).
10. GRADVOHL, Silvia; OSIS, Maria; MAKUCH, Maria. Maternidade e formas de maternagem desde a idade média à atualidade. *Pensando famílias*, Porto Alegre, 2014, v.18, n.1, p. 55-62.
11. GUTMAN, Laura. *A maternidade e o encontro com a própria sombra*. São Paulo: BestSeller, 2016.
12. IACONELLI, Vera. *Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna*. São Paulo: Zagodoni, 2020.
13. LOBO, Sonia. *Mães que fazem mal*. São Paulo: Pasavento, 2018.
14. MACEDO, N. M. Olmo e a gaivota - paradoxos e travessias na comunicação de um espaço potencial no qual uma mãe pode se constituir. In: Sérgio

- Gomes. (Org.). Winnicott Seminários Mineiros. 1. ed. Rio de Janeiro: INM Editora, 2023, p. 7-428.
15. PEREIRA, Douglas Rodrigo; COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. O ódio em análise. J. psicanal., São Paulo , v. 52, n. 96, p. 49-62, jun. 2019.
16. ROSSI, J. P. G.; SANTOS, C. R. P. dos; BRESCANSIN, L. Y. “Entre o amor e o ódio”: contribuições do mito da “Medéia” de Eurípedes para o estudo da ambivalência materna. APRENDER - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação, n. 23, p. 153-174, 2020.
17. SOUZA, S. R. de. A característica psicológica da tragédia grega. São Paulo: Unigala, 2023.
18. WINNICOTT, Donald. Os bebês e suas mães. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
19. WINNICOTT, Donald. Da pediatria à psicanálise: escritos reunidos. São Paulo: Ubu Editora, 2021.